A LITERATURA COLONIAL DE INSPIRAÇÃO BOLAMENSE*

Inocêncio Matos**

RESUMO: O trabalho busca definir a literatura colonial de inspiração bolamense e, a partir de uma discussão semântica do tema "inspiração", considerando seu corpus, as obras literárias e o seu lugar fenomenal, Bolama.

UNITERMOS: Guiné-Bissau, Poesia de Carlos Seneque, Nativismo colonial, Textos jornalísticos, textos literários, O Bolomense.

INTRODUÇÃO

Duas ordens de questões sugere a estudo proposto: uma prende-se com a conceituação de "literatura colonial" e, consequentemente, a de "inspiração bolamense". A primeira é mais geral e refere-se a uma problemática que requer uma reformulação teórica, necessária não apenas para o estudo da literatura guineense mas das literaturas africanas, pelo menos as de língua portuguesa.

Detenhamos-nos, pois, por uma questão metodológica, na análise do corpus que estará na base das nossas reflexões.

Como entender a expressão "literatura de inspiração bolamense"?

Será de "inspiração bolamense" a poesia de Helder Proença porque o é o seu autor?

Equacionada nestes termos está, seguramente, uma falsa questão e a recorrência a uma expressão sinónima do sema nuclear – inspiração como "influência directa" – levando-nos a ler essa poesia na sua dimensão supra-regional que insere a demarcação de uma estética guineense. Assim, "influência directa" remete, à partida, para a finitude de um (sub)sistema genérico em contexto (apenas) bolamense.

Será, então, de inspiração bolamense o soneto elegíaco de contaminação ultra-romântica, "Desço Móbido***" de Maria Emília Archer porque escrito

(**) Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
(1) In (Novo) Almanach de Lendranças Luso-Brasileiro para 1919.
em Bolama? Ou o romance A Revolta (1942) de Fausto Duarte porque escrito em Bolama (ainda que o universo referenciado seja a elaburação de um quadro histórico sobre o régulo fula de Gabu, Monjuro Embaló, da espiral dos "grandes rígidos oriundos da família Embaló-Cundu")? Ou África Raiz,4 o longo poema de imanência telêutica e intenção etnográfica sobre os mistérios da vida africana, a ineficácia da sua alma e os segredos da sua Natureza, porquê dedicado "A terra de Bolama, em cujos braços repousa a mãe" (da autora)?

As respostas a estas questões pressupõem uma metodologia de dimensão mais semântica do que nominativa e nem a substituição do ser inspiração pelos seus aparentes sinônimos "influência directa" ou "motivação" parece resol-velas.

O primeiro convite que nos é feito é, conciliando as definições propostas por Manuel Ferreira de "literatura colonial" como a de "literatura de motivação africana"5, considerar o seu corpus como constituído por obras literárias, poética, crónica, conto, novela ou romance cujo lugar fenotextual seja Bolama. Neste contexto, não nos repousa considerar de inspiração/motivação bolamense o poema "Crepúsculo à noite", de Belmario Augusto Duarte, de Sinfonia da Selva,6 descrição naturalista de dar o saborecer em anote, em Bolama; ou O Veneno do sol,7 de Fernanda de Castro, um romance de inspiração bolamense na medida em que o universo ficcionado, não sendo Bolama em toda a sua dimensão humana (cultural, vivencial), o espaço físico é-o. O eixo espaço-temporal é, com efeito, europeu instado em África, no caso Bolama — uma Bolama que as personagens pretende uma verdadeira cidade capital de uma "província portuguesa". Por isso constitui um dos eixos da nossa parametrização do lugar fenotextual (e não necessariamente geopolítico, que é sempre o lugar material). Na verdade, a subjacência ideológica8 de O Veneno do Sol releva de uma ultramarinidade a cuja

significância subjaz um princípio estruturante: a configuração da convergência "ultramarina" e da continuidade espacial lusa. Selvagens e Civilizados9, de Luís Riba, participa do mesmo conjunto sínico e revela o mesmo conteúdo semântico de motivação bolamense, apesar do texto do romance apresentar três espaços: uma aldeia da Serra da Estrela (Portugal), o eixo Bissau-Bolama e novamente Bolama, onde a digressão atinge o seu eufémico, afinal.

Indiscutivelmente de pulso bolamense são, porém, a poesia de Carlos Semedo, pseudônimo literário de António José Jacob Leite de Magalhães (neto do coronel Leite de Magalhães) e os poemas publicados no Bolamense, de 1956 a 1959. A significação bolamense dessa poesia releva de um projeto regional com consequências estético-literárias.

A LITERATURA COLONIAL DE INSPIRAÇÃO BOLAMENSE

A poesia de Carlos Semedo.

Poemas10 de Carlos Semedo, é, de facto, uma obra significativa no horizonte literário guineense também pela assunção de um ser (poético) guineense. Isso mesmo também le é o prefacio de J. Garcia de Carvalho quando afirma:

"Um poeta Guineense que pela primeira vez apresenta ao público um livro de poemas da sua autoria é caso inédito nesta Província".

Numa edição do jornal Bolamense, a poesia de Poemas sintetiza uma pulsação africana bolamense (e de Bissau), num constante querer regressar ao solo original através de uma imagética sinestésica que denuncia uma semântica telêutica e evocativa da terra africana: são os sentidos, em relação metonômica com a Emoção, que captam a beleza do espaço e a memorizam.

Até-se no poema "Metrópole", último da série escrita em Portugal (Lisboa, 1962) que anuncia uma insatisfação:

Metrópole

Cores berrantes
apitos, milhares de pés.

(9) Selvagens e Civilizados (romance), Lamego, 1937.

Velocidade, encontros,
Gritos, anúncios murais,
automóveis de muito luxo,
carroças de pobres vendilhões.

Burros, elétricos, peixe,
hortaliça fresquinha,
auto-carros bufantes
Prédios altos, arranhacéus,
sol, férias neons,
prostitutas, invertidos passantes...
Tudo passa à porta do café
onde vegejo

(c e u q e g o s t o d a s o l d i ã o

das florestas virgens)

A escrita é fragmentária, a semântica é escatológica e o desejo de regressar às florestas virgens é ardente:

Ansiedade

Visto fato
de corte moderno
gravata condizente

A camisa
de fibra sintética
assenta impecavelmente

Sou peça
sombria
d'uma Europa
patética

Minha África distante...
A saudade faz-me louco
QUERO SER ESBORRACHADO
PELAS PATAS
D'UM ELEFANTE

(Bissau, 1962)


Bolama é, todavia, o espaço da catarse, em que o sujeito mergulha num universo de contaminação edéncica:

A Bolama

Cingido pela sombra
do manguito
esqueci o mundo

Sentei o corpo
na relva,
o olhando o mar

Um pescador
deitou
a rede

Três
canoas
cortaram
o horizonte

O sol esmorecia

Como soprado
pela brisa
ouvi um merengue
Adormeci...
(e eu que sentia o pesadelo
de viver)

(Bolama, 1963)

A poética do Bolamense

O discurso bolamense de Carlos Semedo é, porém, muito diferente da poética do Bolamense. E, como tentaremos demonstrar mais adiante, citamos a

inevitabilidade de uma vertente ideológica na perspectivação das literaturas dos países africanos.

O Bolaemense inaugura um discurso revivalista de que é, tão somente, uma das realizações a poesia (e alguma crónica literária e conto). Aliás, esse projecto é realinhado em contínuas crónicas das rubricas “Cartas da minha balança”, da autoria de Luís de York. No 2º aniversário da sua fundação, a Redacção escreviam:

“Quando todos descrevem do futuro e das possibilidades da nossa terra, quando todos julgavam ver em Bolama uma cidade condenada à morte por inação surgir o Bolaemense a gritar a sua fé aos destinos da velha capital do mais antigo província de Ultramar Português, a proclamar que ela não morreria, a afirmar a confirmação no seu progresso. É hoje ela aí está, a Bolama velhinha cada vez mais renova, e mais bela, afirmando-se princesa inconteste das terras da Guiné (...)”

“Ao serviço da Guiné” in O Bolaemense, nº 25 – Set.
1958.

Esse espírito está também subjacente a um "Concurso de Literatura Popular", aberto à composição em "quadra popular", ativa a Bolama, e a que serão atribuído o prémio jornal Bolaemense (nº4 – 7 – Fev. 1965, p. 7). Os textos publicados nessa época respondem a um programa regional, marcados por uma necessidade histórico-social, o que “a priori” não é desempenhador quanto à qualidade literária dos mesmos. O que se pretendia então, em “fazer ressurgir essa Bolama resplandecente de outrora, hoje adornada qual princesa dos destinos de fadas”12, como afirmava A. Gomes Pereira.

Embora o Bolaemense tenha publicado também textos (poemas e críticas) de escritores famosos dos literатuras portuguesa e brasileira como Teixeira da Mota e Mário Braga (no ensaio literário), Antero de Quental, Teixeira de Pascoal, Guerra Junqueiro, António Boio ou Olavo Bilac, ao além do caboverdiano, José Lopes, autor de As Herediteranas, a verdade é que muitos escritores se revelaram na altura. Nome como R. Niz, João Alves Soares, Jorge Elias, Horro Rodrigues Pires, Ciloca (ou Siloca), João da Silva, Carlos Faria, Maria Morena, Beija, Espinha de Mendonça, A. Vieira, Maria Augusta Ribeiro, entre outros, ficaram ligados a um revivalismo literário que formaram uma estética peculiar no horizonte literário guineense.


...uma antiga capital fora do coração das florestas, de mistério singular, cujo silêncio e quietude mantêm um mistério que se mantém. O murmúrio das águas limpidas e pacíficas parece que se escondem num manto de paz e tranquilidade das suas paisagens, como que acariciando-o para a conformar de compungente magia sofria. (p. 5)

Mas o cronista termina convidando todos os bolomenses a colaborarem para que os "frutos deliciosos num futuro próximo" possam ser os "mais sabrosos e apetecidos" (p. 5).

Lê-se, por conseguinte, na tessitura dessas descrições que a sugestão de um sentimento de afetoção à paisagem que poderá enraizar do fato ser natural é impregnado de uma intenção programática. Pode falar-se, assim, nestes textos, de um cunho celebrativo que revela numa das faces do prisma do sentimento de simpatia e afecção à terra e pela que é nativa, o nativismo, existindo, no entanto, uma conjunção das linhas estética e política (econômico, social, cultural) programaticamente assumida, gerando nos interstícios do texto uma significação estético-ideológica, o Nativismo Colonial. Efectivamente, a intenção celebrativa da natureza, na sua beleza e na sua riqueza denuncia uma convivência do nativismo temático e pitoresco com a expressão encomiástica do poder colonial.

Todavia, não é apenas a natureza o elemento celebrado.

Se o Nativismo Colonial é gerado no sentimento de interesse e afecção à terra através de um olhar imperial sobre a região, o passado histórico torna-se também relevante.

Um dos vectores da crunciação dos textos literários (e não apenas destes, mas também destes) é a expressão da saudade de um passado recente. A saudade não é, pois, aqui entendida como um "anso de qualquer coisa apenas presenciada, gozada em imaginação" (19) – um dos tópicos da literatura portuguesa – mas como lembrança dum bem ausente que se deseja reaver: as glórias da "velha rainha/dama". É Bolama amada, depois abandonada, que se quer revitalizada:

Apaixonada pela vellinha há ainda no seu olhar lampios fâncastes de vitalidade, esgares de fascinação, qualquer coisa que prenda e que enfeitiça.

(...)

Nada teve poder para destruir o encontro da nossa velha dama, da que fora a jovem rainha e que, apesar de...


(...)

F. B. Carapito, "Os Amantes da Velha Rainha" (conto) in *O Bolomense*, nº 3 – Out/1956, p. 5

Não é uma saudade melancólica mas combativa, o que explica o título de alguns poemas de Jorge Elói: "Revolta" (título de dois poemas), "A minha saudade", "Gritos ao Ventô" e de muitos outros poetas como R. Niz ou João Alves Soares.

(...)

Pobre sombra desgarrada
outra era em que viví!

E ao ver-te assim, pagada,
à tal imagem ignudada,
quase não te conheci...

"Sombra" in *O Bolomense*, nº 16, Nov/1957

Ou um madrigal de Carlos Farinha:

Bolama – a cidade clássica

Bolama – cidade clássica, imperial pelos frutos; cidade do império; rainha destronada; gritando na vegetação lírica do seu corpo de ilha, a juventude da sua Beleza...

(...)

Bolama – longos horizontes de praias; coqueiros guardando a imensidade; laranja verde – doce do pomar fresco do seu corpo; Virgem frágil e antiga...

(...)

Padrão à Glória-de-Aviz – Bolama – capital Eterna, morta pelo Progresso sem Fé.

(...)

Cidade do Passado a afirmar ao presente a gloriosa obra da Raça.

Bolama, Agosto de 1959.

(20) *in Bolomense*, nº 37 – Agosto de 1959

A ruína cultural e física da cidade, os sujeitos (de enunciação e políticos) assumem-as individual e coletivamente e expressam-nas através de uma visão reivindicatória regionalista. O sentimento revivalista plasmo os textos, ruminando, por vezes, o discurso utanista mas sempre aliado a uma ideologia colonial — o *Ufanismo Colonial*.

Na verdade, essa reivindicação insere-se no contexto da expressão colonial. O 'corpus' do canto encomiástico labora numa rede dialógica que configura um tipo de intertextualidade entre vários discursos cuja significação releva de uma dimensão pragmática e programática da ideologia colonial na sua vertente apologetica. Pode, então, ler-se esse 'corpus' literário em semiótica intertextual com a discursividade colonial na sua prática significante. Vejamos que não difere na sua "mensagem" os textos a seguir citados embora sendo actualização de discursos diferentes:

• "Literatura de ideias"

Texto jornalístico

"O Bolanense trabalhava em união e animoso de querer coadjuvar na tarefa dum "Portugal maior". Não serviremos interesses nem pessoas como cousas parciais. Serviremos, sim, Bolama, os Governadores da Província e toda a família guineense."  

"Saudação" in *Bolanense*, nº 1 – Agosto 1956.

Crónica

"O português é dum modo geral, amante do mar
(...)
Os bolamenses, como homens portugues, gostam do mar
(...)
Pora esta ilha a atracção do mar é um destino"

C. Alberio, "O Homem e o Mar" in *Bolanense*, nº 3 – Outubro 1956, p.3.

• Textos literários

Conto

"Aquela manhã de Maio decorria amena e o sol não abrasava como de costume(...)"